

CONFLUÊNCIAS E CONTRAÇÕES DA CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA

Jacob Gorender

A atividade de Florestan Fernandes como sociólogo - desenvolvida nas funções de professor, teórico e pesquisador - ficou marcada pela polarização entre as atrações do marxismo, enquanto doutrina da militância revolucionária, e a sociologia, enquanto disciplina acadêmica.

Conforme afirmou em várias entrevistas, a origem social o levou, em sua juventude, a sentir a forte atração do marxismo, com a conseqüente atuação num grupo trotskista clandestino, sob cuja orientação se dedicou à luta democrática contra o Estado Novo. Essa atração do marxismo não se esgotou com a juventude, como acontece com tantos intelectuais. Ela se exerceria por toda a vida, até o último minuto.

Se o marxismo representou escolha iniciante, a sociologia veio como vocação acadêmica, como eleição de carreira científica.

Florestan se empenhou na tarefa de colocar a atividade sociológica universitária sobre bases teóricas o mais possível coerentes. Decerto, não se encontrava solitário em semelhante empenho, uma vez que a ele se entregaram tantos dos grandes nomes da sociologia no exterior e também no Brasil. Mas ao sociólogo paulista cabe o mérito inegável de haver dado a contribuição principal à edificação conceitual e metodológica da disciplina em nosso país. Contribuição tão notável que ultrapassa o âmbito nacional e se integra no acervo internacional da sociologia.

A questão sempre presente em sua obra - seja nos livros de conceituação metodológica, seja nas pesquisas concretas - é a de como a sociologia pode e deve ser uma ciência, capaz de satisfazer às exigências categóricas impostas a toda ciência. Mas tam-

bém sempre presente esteve a atração original do marxismo. Tal polarização poderia conduzir a incongruências e dilacerações esterilizantes. Não foi o caso de Florestan. Dedicou sua enorme capacidade de trabalho ao objetivo de substituir contradições por confluências. Nem sempre o esforço se revelou bem-sucedido. Nem todas as contradições da polarização intelectual puderam ser efetivamente superadas. Mas o resultado de tal esforço é admirável, entre outras muitas razões, precisamente pelo fato de que não apaga os vincos da polarização e de suas contradições intrínsecas.

A questão mencionada inexistente para os marxistas, que identificam o materialismo histórico com a própria sociologia científica. O mais, para esses marxistas, seriam problemas de procedimento na pesquisa empírica, porém nunca questionamentos teóricos. Tal enfoque pôde ser fecundo nos países capitalistas, onde o marxismo por natureza assume uma postura crítica e revolucionária. Se pôde ser fecundo, não o foi, porém, naqueles casos, tão freqüentes, nos quais a paixão dogmática prevaleceu sobre o imperativo da fidelidade aos fatos objetivos. Já na antiga União Soviética e nos demais regimes comunistas do Leste europeu, o marxismo, uma vez convertido em doutrina oficial, ficou impedido da postura crítica e se esterilizou enquanto corpo teórico inspirador da pesquisa sociológica. Ali, simultaneamente, se asfixiou o marxismo e se cortou pela raiz a própria possibilidade de uma sociologia.

A solução escolhida por Florestan consistiu em fazer de Marx um dos três fundadores da sociologia, em companhia de Émile Durkheim e de Max Weber. Assim, no plano da teoria, o materialis-

mo histórico comparece a par com o funcionalismo positivista e com a sociologia compreensiva.

Os três elementos não poderiam fundir-se numa síntese na qual perderiam as identidades originais e dariam lugar a algo com características inteiramente novas. No plano mais rigoroso da teoria, materialismo histórico, sociologia dos tipos ideais e sociologia funcionalista não teriam como ser combinados a fim de engendrar um corpo doutrinário, que, ao mesmo tempo, conservasse e superasse a contribuição de cada uma dessas teorias fundantes.

Foi possível, porém, fazê-las confluir para a constituição compósita de um cânone metodológico. Num obra densa, publicada em 1963, Florestan realizou a façanha de explorar a riqueza canônica das três teorias, de extrair delas o que considerou mais germinativo para a pesquisa das relações sociais e propor uma norma pluralista para a sociologia. Adotada por Florestan e por seus discípulos, a confluência metodológica se comprovou proficiente.

Decerto, a confluência continha dificuldades e mesmo obstáculos insuperáveis, próprios das composições ecléticas. Mas abria espaço para a pesquisa e a explicação sociológica, fornecendo-lhe fundamentos empíricos. Foi esta a base doutrinária em que assentou a escola sociológica paulista, da qual coube a Florestan a liderança indiscutível e respeitada. Sua influência se fez sentir com o mesmo vigor liderante para além do âmbito da sociologia, estendendo-se à antropologia e à historiografia.

Pode-se afirmar que a carreira acadêmica permitiu a Florestan a realização de uma obra de alta significação para a cultura brasileira, com a ressalva por si mesma evidente de que a carreira acadêmica não seria uma condição suficiente. O que houve de importante consistiu em que ela salvou Florestan da submissão ao marxismo dogmático imperante em nosso país, de tal maneira sufocante que se contam pelos dedos de uma só mão os intelectuais comunistas que, durante décadas, conseguiram produzir uma obra relevante. Condição necessária foram também, como não poderia deixar de ser, o talento pessoal e a determinação para um trabalho incansável.

Observe-se que, dez anos depois de Florestan e, ao que tudo indica, sem conhecê-lo, o sociólogo britânico Anthony Giddens levou a termo o mesmo empreendimento de exame das contribuições de Marx, Durkheim e Max Weber à moderna teoria sociológica. Giddens seguiu inspiração própria, que

não cabe aqui avaliar, mas é notável que houvesse percorrido exatamente a mesma trilha seguida pelo colega brasileiro com um decênio de antecedência. O que denota, sem dúvida, a força da percepção intelectual do mestre paulista, bem como sua extraordinária afinação com a contemporaneidade.

Contudo, o marxismo não foi para Florestan tão somente uma das três vertentes confluentes do método sociológico. O marxismo teve para ele a significação singular e única de indicador dos temas de pesquisa, de crivo inicial das opções de investigação. Na condição de líder de uma escola de pensamento social, sua orientação se imprimiu na atividade de vários dos mais destacados sociólogos brasileiros. O próprio Florestan produziu trabalhos de grande envergadura sobre as questões em cuja priorização teve influência decisiva sua formação marxista. Questões como as de segmentos discriminados da sociedade brasileira, ou seja, os índios e os negros. Ou questões de relevância abrangente para o entendimento de nossa história e

da nossa vida social, como as da revolução burguesa, das classes sociais e do poder político num país dependente, do imperialismo e do desenvolvimento econômico numa situação de atraso histórico, da ditadura militar e da reconstrução democrática numa sociedade impregnada pela tradição autoritária das classes dominantes.

O mais notável foi, todavia, que Florestan houvesse acentuado sua orientação marxista neste final do nosso século XX abreviado, precisamente quando ruíam o Muro de Berlim e os regimes comunistas do Leste eu-

ropeu. Sua convicção socialista se fortaleceu precisamente no momento em que passou a lavrar confusão tremenda na esquerda mundial (ainda persistente), induzindo reações de ceticismo, de desânimo e, não raro, de mudança de campo ideológico. Já afetado pela enfermidade que lhe havia de ser fatal, o professor universitário se dedicou inteiramente à militância política, colocando seu prestígio e fazendo ouvir sua voz a favor dos oprimidos, daqueles que caracterizava como os “de baixo”. No parlamento, nas instâncias do partido ao qual se filiou, nos sindicatos e nas escolas, na coluna de jornal, envolveu-se por inteiro na luta de classes e deixou uma lição de agudeza intelectual, de firmeza política e de integridade moral.

Jacob Gorender é historiador, professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP.

O marxismo não foi para Florestan tão-somente uma das três vertentes confluentes do método sociológico. O marxismo teve para ele a significação singular e única de indicador dos temas de pesquisa, de crivo inicial das opções de investigação.